



IJSN - Instituto Jones dos Santos Neves

2015

**03**

**CADERNOS DA JUVENTUDE**

**Juventude e Violência:  
uma análise comparativa dos  
homicídios no estado  
do Espírito Santo**

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE ESTADO DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO – SEP  
INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES – IJSN



# **Juventude e Violência: uma análise comparativa dos homicídios no estado do Espírito Santo**

Vitória, novembro 2015

---

Instituto Jones dos Santos Neves  
Juventude e violência: uma análise comparativa dos  
homicídios no estado do Espírito Santo. Vitória, ES, 2015.

48p.; il. Tab. (Cadernos da juventude, 03)

1. Juventude. 2. Violência. 3. Homicídios. 4. Espírito  
Santo(Estado). I. Lira, Pablo Silva. II. Guadalupe, Thiago  
de Carvalho. III. Título. IV. Série.

---





## APRESENTAÇÃO

O terceiro Caderno da Juventude traz a temática da violência partindo da análise de homicídios. Historicamente a população jovem encontra-se em uma condição vulnerável no que diz respeito a esse tipo de vitimização.

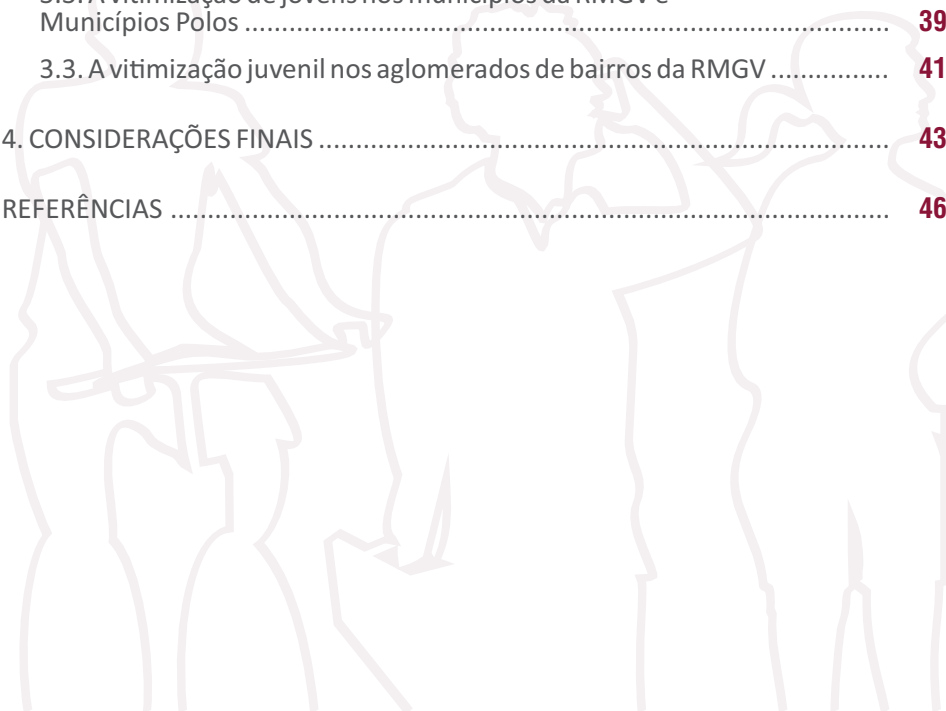
Assim, o presente estudo trata da contextualização das ocorrências de homicídios juvenis no Brasil e Espírito Santo, o perfil das vítimas, análise espacial da distribuição dos casos entre os municípios e aglomerados de bairros do ES, além de apontar possíveis caminhos para uma compreensão maior desse problema social.

Boa leitura!



# SUMÁRIO

JUVENTUDE E VIOLÊNCIA .....	9
Estudos sobre juventude e criminalidade .....	11
Faixa etária de risco dos homicídios .....	12
Considerações metodológicas .....	13
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DOS HOMICÍDIOS: BRASIL E ESPÍRITO SANTO .....	15
1.1. Números de homicídios e de habitantes .....	15
1.2. Taxas de homicídios .....	17
1.3. Número de homicídios juvenis e de habitantes na faixa etária de 15 a 29 anos .....	19
1.4. Taxas de homicídios juvenis .....	23
2. ESPECIFICIDADES DOS HOMICÍDIOS: BRASIL E ESPÍRITO SANTO .....	25
2.1. Faixa etária .....	25
2.2. Gênero .....	27
2.3. Cor/raça .....	28
2.4. Estado civil .....	29
2.5. Escolaridade .....	29
2.6. Instrumento e/ou circunstância .....	30
3. ANÁLISE ESPACIAL DOS HOMICÍDIOS JUVENIS .....	33
3.1. O Espírito Santo no contexto nacional .....	33
3.2. O contexto municipal do Espírito Santo .....	36
3.3. A vitimização de jovens nos municípios da RMGV e Municípios Polos .....	39
3.3. A vitimização juvenil nos aglomerados de bairros da RMGV .....	41
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	43
REFERÊNCIAS .....	46



**LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 01 – Número de homicídios, Brasil e Espírito Santo, 2003-2013 .....	<b>16</b>
Gráfico 02 – Número de habitantes, Brasil e Espírito Santo, 2003-2013 .....	<b>17</b>
Gráfico 03 – Taxa de homicídios, por 100 mil habitantes, Brasil e Espírito Santo, 2003-2013 .....	<b>18</b>
Gráfico 04 – Número de homicídios, recorte etário de 15 a 29 anos, Brasil e Espírito Santo, 2003-2013 .....	<b>19</b>
Gráfico 05 – Número de homicídios, geral e recorte etário de 15 a 29 anos, Brasil, 2003-2013 .....	<b>20</b>
Gráfico 06 – Número de homicídios, geral e recorte etário de 15 a 29 anos, Espírito Santo, 2003-2013 .....	<b>20</b>
Gráfico 07 – Número de habitantes, recorte etário de 15 a 29 anos, Brasil e Espírito Santo, 2003-2013 .....	<b>21</b>
Gráfico 08 – Número de habitantes, total e recorte etário de 15 a 29 anos, Brasil, 2003-2013 .....	<b>22</b>
Gráfico 09 – Número de habitantes, total e recorte etário de 15 a 29 anos, Espírito Santo, 2003-2013 .....	<b>22</b>
Gráfico 10 – Taxa de homicídios, por 100 mil habitantes, recorte etário de 15 a 29 anos, Brasil e Espírito Santo, 2003-2013 .....	<b>23</b>
Gráfico 11 – Proporção de homicídios (%), segundo faixas etárias das vítimas, Brasil e Espírito Santo, 2013 .....	<b>26</b>
Gráfico 12 – Proporção de homicídios (%), segundo gênero das vítimas, Brasil e Espírito Santo, 2013 .....	<b>27</b>
Gráfico 13 – Proporção de homicídios (%), segundo cor/raça das vítimas, Brasil e Espírito Santo, 2013 .....	<b>28</b>
Gráfico 14 – Proporção de homicídios (%), segundo estado civil das vítimas, Brasil e Espírito Santo, 2013 .....	<b>29</b>
Gráfico 15 – Proporção de homicídios (%), segundo escolaridade (anos de estudo) das vítimas, Brasil e Espírito Santo, 2013 .....	<b>30</b>
Gráfico 16 – Proporção de homicídios (%), segundo instrumento e/ou circunstância, Brasil (a) e Espírito Santo (b), 2013 .....	<b>30</b>
Gráfico 17 – Número de Crimes Letais Intencionais (praticados por armas de fogo) e Número de armas apreendidas no ES; 2009-2014 .....	<b>32</b>
Gráfico 18 – Taxa de homicídios de jovens de 15 a 29 anos por 100 mil habitantes 2003-2012, municípios da RMGV .....	<b>39</b>
Gráfico 19 – Taxa de homicídios de jovens de 15 a 29 anos por 100 mil habitantes 2011-2014, municípios Polos .....	<b>40</b>
Gráfico 19 – Taxa média de homicídios de jovens de 15 a 29 anos por 100 mil habitantes 2003-2012, RMGV e Municípios Polos .....	<b>41</b>

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Homicídios, segundo faixas de idade, Espírito Santo 2011-2014; GEAC .....	<b>41</b>
--	-----------

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Taxa de homicídios, por 100 mil habitantes, Brasil, 2003 e 2013 .....	<b>35</b>
Figura 2 – Taxa de homicídios de jovens, por 100 mil habitantes (15 a 29 anos), Brasil, 2003 e 2013 .....	<b>35</b>
Figura 3 – Variação (%) das taxas de homicídios gerais e de jovens, por 100 mil habitantes e por 100 mil habitantes de 15 a 29 anos, Brasil, 2013/2003 .....	<b>36</b>
Figura 4 – Taxas de homicídios gerais, por 100 mil habitantes, ES, 2003/2012 .....	<b>37</b>
Figura 5 – Taxa de homicídios de jovens de 15 a 29 anos, por 100 mil habitantes, ES 2003/2012 .....	<b>37</b>
Figura 6 – Taxa de homicídios de adultos e idosos, por 100 mil habitantes, ES 2003/2012 .....	<b>38</b>
Figura 7 – Principais aglomerados, segundo a distribuição espacial dos homicídios de jovens (15 a 29 anos), RMGV 2015 .....	<b>42</b>

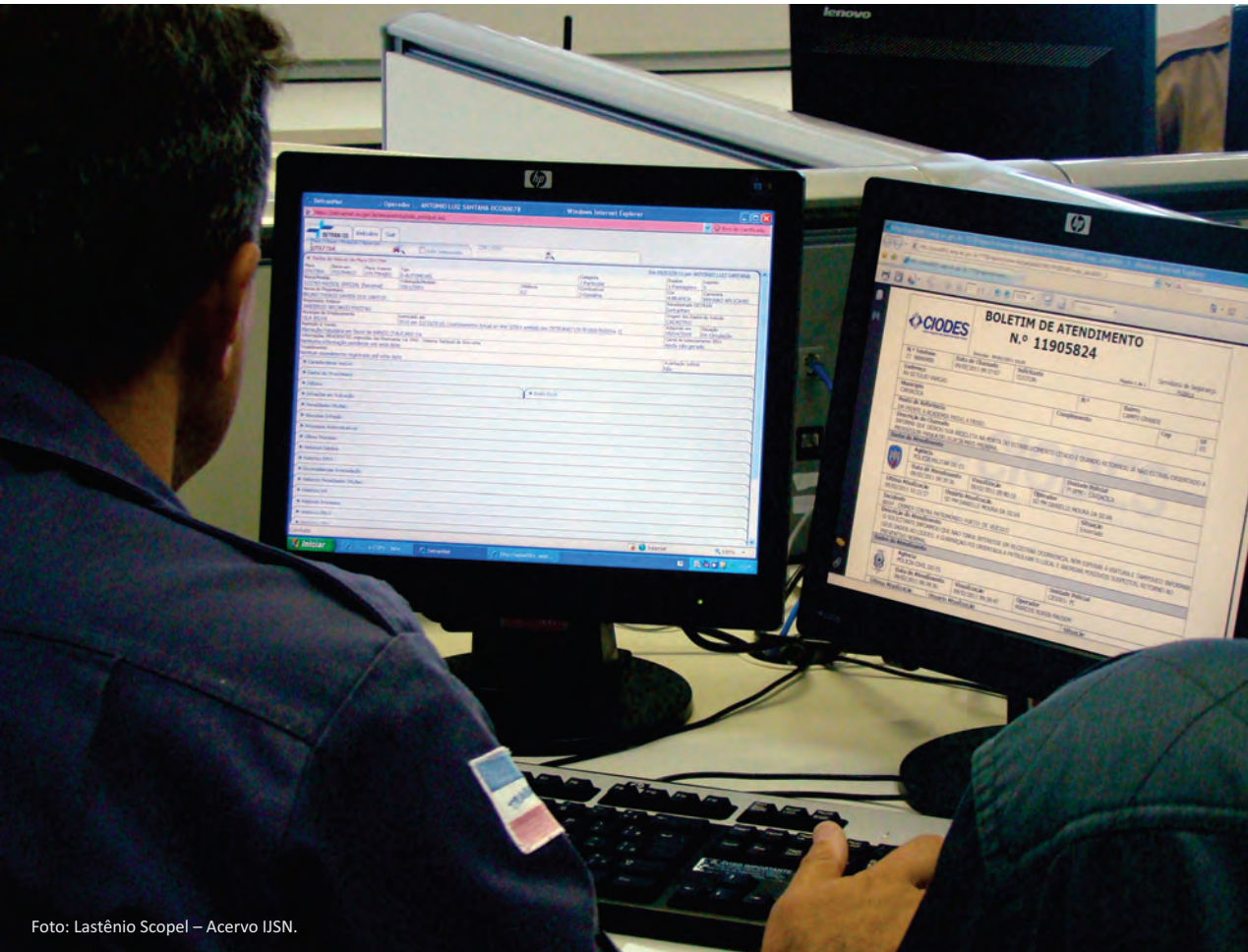


Foto: Lastênio Scopel – Acervo IJSN.

**A** juventude, conceitualmente, se caracteriza como um termo de difícil e de complexa definição. Para Waiselfisz (1998) juventude pode ser delineada pelo período do ciclo de vida no qual as pessoas passam da infância à condição de adultos, quando são observadas importantes transformações biológicas, psicológicas, sociais e culturais. Logo, este não é um termo absoluto. Tais transformações variam e se relativizam de acordo com a sociedade, cultura, etnia, classe social, gênero, bem como o “habitus” que representa, por sua vez, na concepção de Pierre Bourdieu,

um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano (SETTON, 2002, p. 63).

Krauskopf (2003) complementa que o período juvenil não deve ser encarado como uma mera passagem ou transição, mas deve ser pensado como uma fase de desenvolvimento que tem relevante importância como os demais períodos do ciclo de vida das pessoas.

Institucionalmente, a juventude no Brasil passou a ser compreendida pela faixa etária dos 15 aos 29 anos, por meio da Lei Nº 12.852/2013, que estabeleceu o Estatuto da Juventude e dispôs sobre os direitos, os princípios e as diretrizes das políticas públicas dos jovens.

O artigo 37 do Estatuto da Juventude (Lei Nº 12852/13) especifica que:

Todos os jovens têm direito de viver em ambiente seguro, sem violência, com garantia da sua incolumidade física e mental, sendo-lhes asseguradas a igualdade de oportunidades e facilidades para seu aperfeiçoamento intelectual, cultural e social.

Os dados estatísticos apresentados na próxima seção desta publicação ressaltam que os jovens no Brasil estão longe de viverem “sem violência”, sobretudo, de um dos tipos mais graves de violência, os homicídios.

Assim como a juventude, a violência é um conceito complexo de difícil definição. Uma definição possível é apresentada por Krug (2002, p. 5) da seguinte forma:

Uso intencional da força física ou do poder, real ou potencial, contra si próprio, contra outras pessoas ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

De acordo com Zaluar (1999, p. 8) a força supracitada torna-se violência quando transgredir limites ou perturba acordos tácitos, regras ou normas que ordenam as relações sociais. A autora ainda aponta que é a percepção do limite da perturbação e do sofrimento alheio que caracteriza um ato como violento, percepção esta que varia cultural e historicamente.

A juventude encontra papel central em uma ampla gama de estudos e pesquisas que vem sendo desenvolvidos dentro de temáticas relacionadas à vulnerabilidades e violência (MOSER, 1999; ADORNO, 1999; CASTRO, AQUINO, 2009), como também podemos perceber em Abramovay (2002, p. 9):

Entre os diversos problemas e questões cruciais que continuam a desafiar as políticas de desenvolvimento social na América Latina, seguramente uma das mais importantes é a da juventude. O expressivo contingente de jovens existentes no conjunto geral da população, somado ao aumento da violência e da pobreza e ao declínio das oportunidades de trabalho, estão deixando a juventude latino-americana sem perspectivas para o futuro, sobretudo o segmento de jovens que está sendo vítima de situações sociais precárias e aquém das necessidades mínimas para garantir uma participação ativa no processo de conquista da cidadania.

Importante observar, que o Relatório da UNICEF de 2011 – “Adolescência: uma fase de oportunidades” – traz a preocupação de combater o estigma da fase problema. Ao mesmo tempo que enfoca o adolescente como objeto de atenção especial e especializada, também restringe suas horas de trabalho fabril e regulamenta a educação compulsória.

Neste cenário, o jovem vai adquirindo cada vez maior autonomia, especialmente nas grandes metrópoles industriais. Ele passa a ser reconhecido como portador de um querer próprio que precisa ser respeitado nos mais distintos aspectos da vida pessoal independente: escolha profissional, vestuário, consumo, lazer, iniciação e atividade sexual. Mas, por outro lado, essa mesma autonomia é vista como fonte de riscos, entre os quais, talvez o mais temido, seja o envolvimento com o mundo do crime e da violência. Nesse sentido, afirma Adorno (1999) que a descoberta da adolescência como problema é, portanto, contemporânea da associação entre juventude e delinquência.

## Estudos sobre juventude e criminalidade

O desenvolvimento dos estudos de delinquência juvenil ao longo do tempo convergiu para esse apontamento comum, da mesma forma que são as maiores vítimas, os jovens também predominam na autoria de crimes como: furtos, roubos, tráfico de drogas e homicídios. Essa relação próxima entre os jovens, principalmente do sexo masculino, e a criminalidade, alimentou o interesse de diversos estudos nacionais e internacionais sobre a questão da delinquência juvenil, das sub-culturas de gangues, etc.

No nível internacional, os pesquisadores da Escola de Chicago (a partir de 1915) logo perceberam a grande relevância em estudar a delinquência juvenil inserida em seu contexto histórico e social. Foram pioneiros em associar as hipóteses teóricas da criminologia aos estudos empíricos da criminalidade. Cohen (1955) foi um dos precursores do uso da Sociologia da Violência e Criminalidade integrando as teorias da Associação Diferencial, da Desorganização Social de Shaw e McKay (1931), e da Anomia, para buscar explicação sobre as subculturas delinquentes, principalmente entre os jovens. Destaca-se ainda a classificação de gangues jovens de Huff (1989): *hedonistic gangs (drugs); instrumental gangs (property offenses); and, predatory gangs (violent crimes)*.

Importante ainda reforçar esse estudo da delinquência juvenil, de suas ligações sociais, relacionadas ao ambiente, às variáveis ecológicas e estruturais, basicamente, elas são representadas através das contribuições dos teóricos da Desorganização Social, como: Shaw e McKay (1931) estudos da delinquência juvenil urbana; Thrasher (apud Kornhauser 1978) com modelos de Controle Social; modelo de Bursik e Grasmick (1993) – organização social e vizinhança

(controles sociais informais); Sampson (1997), com estudos sobre a Eficácia Coletiva, além dos estudos de migração, vizinhança e estabilidade social (PATILLO, 1998; TODD, 2003), e outros.

Os estudos sobre juventude e criminalidade no Brasil também ganharam grande relevância (ZALUAR, 1994; WAISELFISZ, 1998; ADORNO, 1999; PERALVA, 2000; BEATO, 2002). Vignoli (2001) e Filgueira (2001) sustentam que a violência sofrida e praticada pelos jovens possui fortes vínculos com a condição de vulnerabilidade em que se encontram. Para Abramovay (2002), a situação de vulnerabilidade aliada às turbulentas condições socioeconômicas ocasiona uma grande “tensão” (de acesso às oportunidades) entre os jovens que agrava diretamente os processos de integração social e, em algumas situações, fomenta o aumento da violência e da criminalidade.

Cabe reforçar que essa “tensão” não vem unicamente da esfera econômica. As esferas sociais e culturais contribuem muito para entendermos por que jovens de uma mesma classe social podem ter comportamentos diversos, alguns se tornando delinquentes e outros não. Da mesma forma, essa vulnerabilidade também tem origem no tipo de relação que os jovens possuem com suas famílias e comunidades – o que Sampson (1989) conceitua de “eficácia coletiva”.

Enfim, faz-se importante lembrar, que os números oficiais existentes sobre violência, bem como pesquisas quantitativas e qualitativas que veem sendo realizadas, confirmam que são os jovens as maiores vítimas da violência no Brasil. Isto se manifesta de maneira mais exacerbada ainda no caso dos homicídios, sendo que a taxa deste crime entre jovens do sexo masculino no país se compara às de regiões que vivem em guerra declarada (CASTRO; AQUINO et al, IPEA, 2009).

## **Faixa etária de risco dos homicídios**

O Relatório do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (*United Nations Office on Drugs and Crime – UNODC*) intitulado “Estudo Global sobre Homicídio” evidenciou o Brasil como uma das nações mais violentas do mundo. Segundo o UNODC (2013), apurando dados de 2012, foram computados aproximadamente 500 mil assassinatos entre os países pesquisados. Desse total, o Brasil contribui com cerca 11% dos homicídios registrados, ou seja, mais de 56 mil mortes violentas em um único ano. Nas estatísticas sobre os homicídios, o Brasil se sobressai juntamente com países que enfrentam problemas contemporâneos de guerras e conflitos civis.

No Mapa da Violência 2015 (WAISELFISZ, 2015) é salientado que entre 1980 e 2012, a população brasileira experimentou um crescimento de 61%, ao passo

que as “mortes matadas” por arma de fogo registraram um aumento de 387%. Waiselfisz (2015) delinea, a partir de seu diagnóstico, que o principal instrumento utilizado para o cometimento de homicídios no país, o que ele chama de “mortes matadas”, é a arma de fogo. Do total de 56 mil assassinados registrados no Brasil em 2012, cerca de 40 mil foram consumados com o uso de arma de fogo, isto é, mais de 71% do total.

Cerqueira e Moura (2013) lançam luz sobre uma das principais problemáticas relativa à violência brasileira, o jovem do sexo masculino aparece no meio dessas “trágicas estatísticas” como personagem principal, tanto como perpetrador, quanto como vítima.

A mortalidade violenta de jovens (entre 15 e 29 anos) no Brasil é um problema que veio se agravando nas últimas décadas, sobretudo no que diz respeito à letalidade ocasionada por homicídios e por acidentes de transporte. No que se refere aos homicídios, a piora se deu em dois planos. Não apenas a letalidade aumentou ano a ano, mas as vítimas tornaram-se gradativamente mais jovens (CERQUEIRA; MOURA, 2013, p. 3).

O padrão diferencial dos homicídios entre jovens do sexo masculino também é uma característica comum à maioria das unidades da federação, principalmente, estados como Alagoas, Pernambuco, Rio de Janeiro e Espírito Santo, que ao longo das últimas décadas se destacaram em nível nacional ao registrar elevadas taxas de homicídios (WAISELFISZ, 2015).

Tendo em vista tal cenário, este estudo se propõe a investigar a distribuição espacial dos homicídios de jovens no Espírito Santo, primeiramente, trabalhando em uma análise comparativa com o Brasil e demais Estados da federação e, posteriormente, identificando esse fenômeno no âmbito interno dos municípios e principais bairros capixabas. Necessário reforçar, que o enfoque apresentado de estudo do comportamento das taxas de homicídios de jovens, se justifica uma vez que estes constituem o grupo etário de maior risco da violência letal interpessoal.

## Considerações metodológicas

Em grande parte desta publicação, os dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) DATASUS foram utilizados como referência para estudar o comportamento dos homicídios capixabas no contexto nacional. Para isso, as informações de “agressões”, categoria da Classificação Internacional de Doença (CID, revisão 10) que contabiliza todos os registros de mortes externas provenientes de violência interpessoal, excetuando os óbitos decorrentes de acidentes de trânsito (homicídio doloso, homicídio culposo, lesão corporal seguida de

morte, entre outros), foram coletadas no Portal da Saúde TABNET, que é gerenciado pelo Ministério da Saúde – MS.

Insta salientar que de acordo com a Lei Nº 015/73 (alterações introduzidas pela Lei Nº 6.216/75) nenhum sepultamento no país pode ser feito sem a certidão de registro de óbito correspondente. Waiselfisz (2015, p. 17) pondera que:

Esse registro deve ser feito à vista de Declaração de Óbito (DO). No caso de morte por causas naturais, a DO é preenchida pelo profissional de saúde (médico) que fez atendimento à vítima ou, quando necessário, também pelos Serviços de Verificação de Óbitos (SVO). No caso de morte por causas não naturais ou externas (suicídios, homicídios, acidentes, etc.) [...] em localidades que contam com Instituto Médico Legal (IML), a DO deve ser preenchida, obrigatoriamente, por médico legista do IML e em localidades sem IML, por médico da localidade, investido pela autoridade judicial ou policial, na função de perito legista eventual (ad hoc).

As informações coletadas por meio do TABNET foram organizadas por Unidades da Federação – UF para o período de 2003 e 2013<sup>1</sup>. Além disso, os dados foram filtrados segundo os recortes de faixa etária (15 a 29 anos), de gênero e de instrumento utilizado na ação violenta letal. Tanto a fonte de informação aqui ressaltada, quanto os recortes especificados são amplamente utilizados por pesquisas periódicas no campo da Segurança Pública, a saber, Mapa da Violência (WASELFSZ, 2015) e Anuário Brasileiro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2015).

Os dados que tratam da análise dos municípios e aglomerados de bairro capixabas tiveram como fonte a Gerência de Estatística e Análise Criminal da Secretaria de Estado de Segurança Pública e Defesa Social – GEAC/SESP.

Editores de planilhas foram utilizados para gerar as análises estatísticas, cálculo de taxas (relação do número de homicídios e número de habitantes expostos ao risco da violência analisada, a cada grupo de 100 mil pessoas) e confecção de gráficos, e programas de Sistemas de Informação Geográfica – SIG possibilitaram as análises espaciais, por meio da elaboração de mapas temáticos.

<sup>1</sup> Até o momento de elaboração deste texto, as informações relativas ao ano de 2013 são os dados mais recentes divulgados pelo SIM/DATASUS.

Foto: Marcus Fuckner – Acervo IJUN.



01

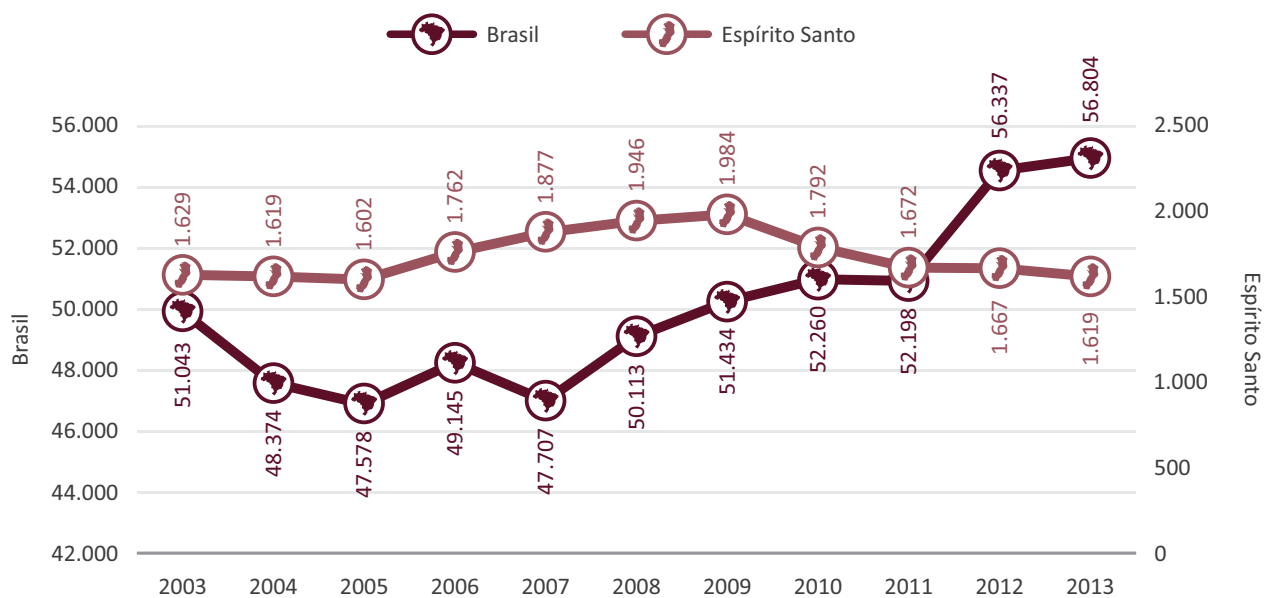
Contextualização dos homicídios:  
Brasil e Espírito Santo

## 1.1. Números de homicídios e de habitantes

**N**os últimos 10 anos foram registrados no Brasil e Espírito Santo, respectivamente, 563 mil e 19 mil homicídios. De acordo com o gráfico abaixo, no período entre 2003 e 2013 foi observado um aumento de 11,3% nos assassinatos do país e uma redução de 0,6% nos homicídios do estado.

Ressalta-se que para demonstrar essas tendências entre grandezas de dimensões distintas, por exemplo, a nacional na casa das centenas de milhares e a estadual na faixa das dezenas de milhares, utilizaram-se gráficos de linhas com eixos secundários para propiciar uma melhor análise comparativa nesta e nas próximas seções desta publicação (Gráficos 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8 e 9).

Gráfico 1- Número de homicídios, Brasil e Espírito Santo, 2003-2013



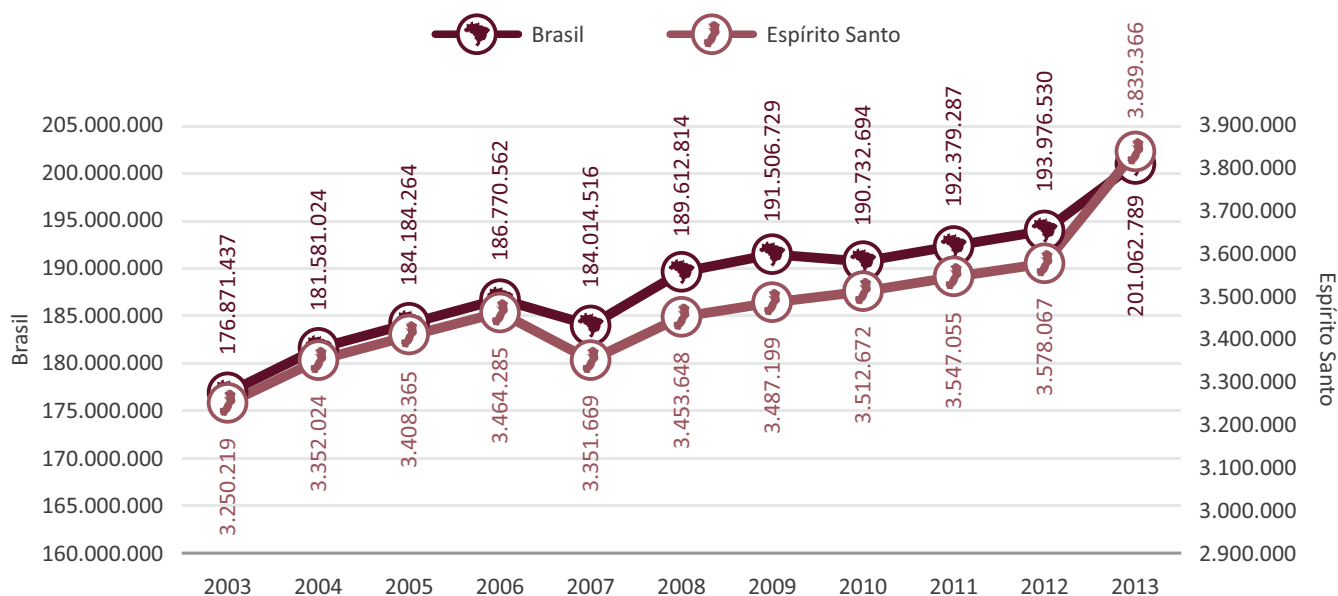
Fonte: SIM/DATASUS, 2003-2013.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Constata-se também que o Brasil apresentou, no período de 2009-2013, um aumento de 10,4% no número de assassinatos. Por outro lado, neste mesmo período o estado do Espírito Santo vem evidenciando uma redução de 18,4% no número de homicídios.

O gráfico seguinte demonstra a tendência populacional no mesmo período estudado. Deste gráfico depreende-se que, entre 2003 e 2013, o Brasil experimentou um crescimento populacional de 13,7%, enquanto no mesmo período o estado do Espírito Santo computou um crescimento do número de habitantes de 18,1%.

Gráfico 2- Número de habitantes, Brasil e Espírito Santo, 2003-2013



Fonte: SIM/DATASUS/IBGE, 2003-2013.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

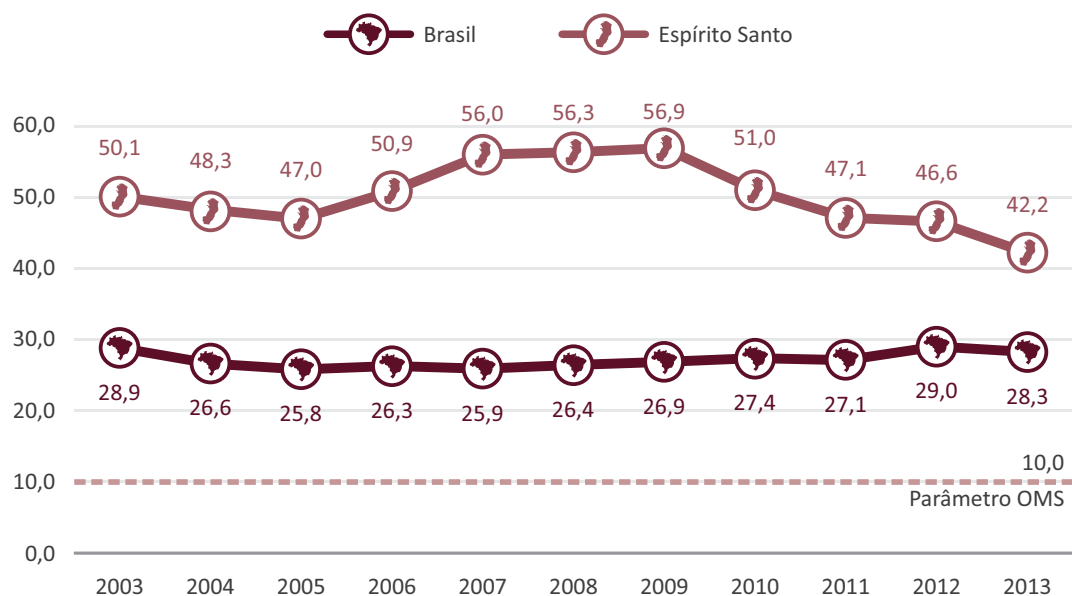
Mesmo com um crescimento populacional mais expressivo que o brasileiro, o estado do Espírito Santo vem conseguindo reduzir o número de homicídios registrados nos últimos 4 anos da série histórica estudada.

## 1.2. Taxas de homicídios

A taxa de homicídio é um dos principais indicadores de segurança pública. Ela possibilita a análise dos homicídios pela normatização populacional, ou seja, permite a comparação de unidades geográficas com diferentes magnitudes populacionais ao relacionar o número de homicídios e o número de habitantes.

Segundo Ferreira (2012), a Organização Mundial de Saúde (OMS) indica como toleráveis taxas abaixo de 10 homicídios por 100.000 habitantes. Analisando o gráfico abaixo constata-se que o Brasil (28,3 homicídios por 100 mil habitantes) e o Espírito Santo (42,2 homicídios por 100 mil habitantes) destacaram em 2013, respectivamente, taxas 3 e 4 vezes superiores ao parâmetro considerado pela OMS.

Gráfico 3- Taxa de homicídios, por 100 mil habitantes, Brasil e Espírito Santo, 2003-2013



Fonte: SIM/DATASUS/IBGE, 2003-2013.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Enquanto o Brasil apresentou uma redução de 2,1% na comparação das taxas de homicídio de 2003 e 2013, o Espírito Santo computou uma redução de 15,9%. Isso reforça a explanação da seção anterior, que ressalta que, mesmo com aumento populacional, o estado do Espírito Santo evidenciou uma significativa redução no número de homicídios nos últimos 10 anos.

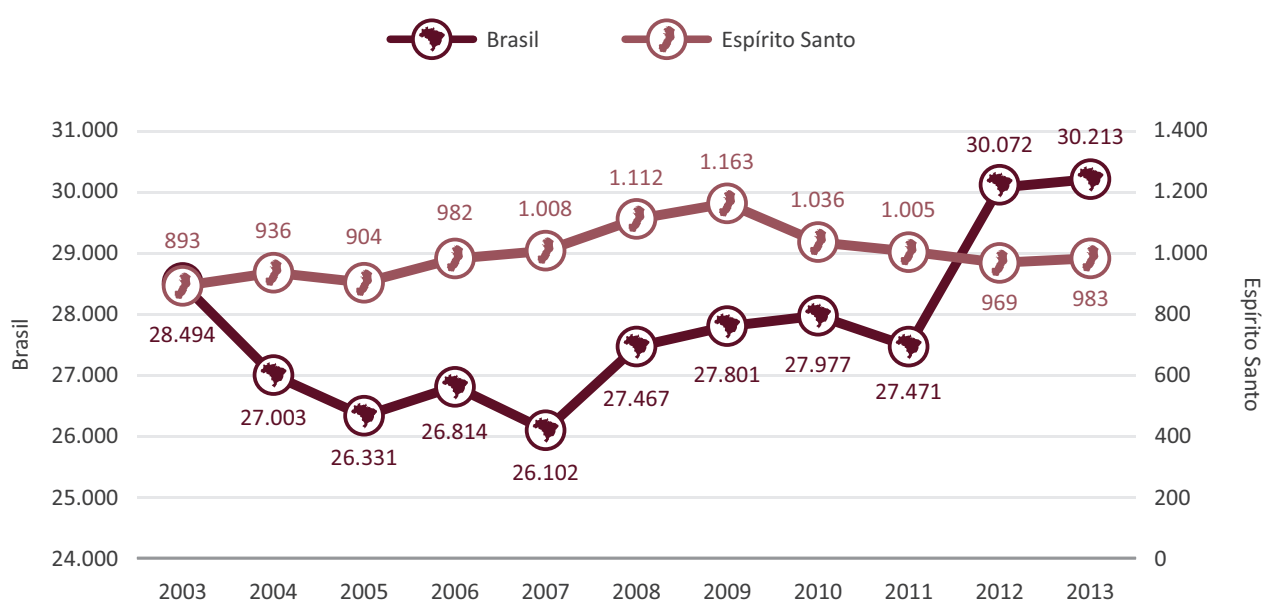
No período mais recente de 2009 a 2013, o referido estado apresentou uma redução na taxa de homicídios da ordem de 25,9%, sendo que o país apresentou um aumento de 5,2%. Em toda série histórica do SIM/DATASUS (1979-2013) esta é a primeira vez que o Espírito Santo consegue manter uma redução nas taxas de homicídios por mais de 4 anos.

Considerando o foco desta publicação, a juventude e seus dados relativos às vítimas de homicídios são analisados na próxima seção com o objetivo de comparar com os resultados gerais desse tipo de criminalidade violenta letal.

### 1.3. Número de homicídios juvenis e de habitantes na faixa etária de 15 a 29 anos

De acordo com o gráfico abaixo observa-se que, no período 2003-2013, os números de homicídios, de pessoas com idades entre 15 e 29 anos, do Brasil e do Espírito Santo evidenciaram aumentos de 6,0% e 10,1%, respectivamente.

Gráfico 4- Número de homicídios, recorte etário de 15 a 29 anos, Brasil e Espírito Santo, 2003-2013



Fonte: SIM/DATASUS, 2003-2013.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Na comparação 2003-2013 (dois próximos gráficos), o aumento de 6,0% nos números nacionais de homicídios, com recorte de 15 a 29 anos, foi inferior ao aumento constatado nos números de homicídios gerais do Brasil (11,3%). Ao contrário dos números gerais de homicídios (redução de 0,6%), nos últimos 10 anos, o Espírito Santo registrou um aumento maior que 10,0% nos números de homicídios juvenis. Ainda, os homicídios juvenis representam 53% do total de homicídios para o Brasil e 61% do total para o Espírito Santo.

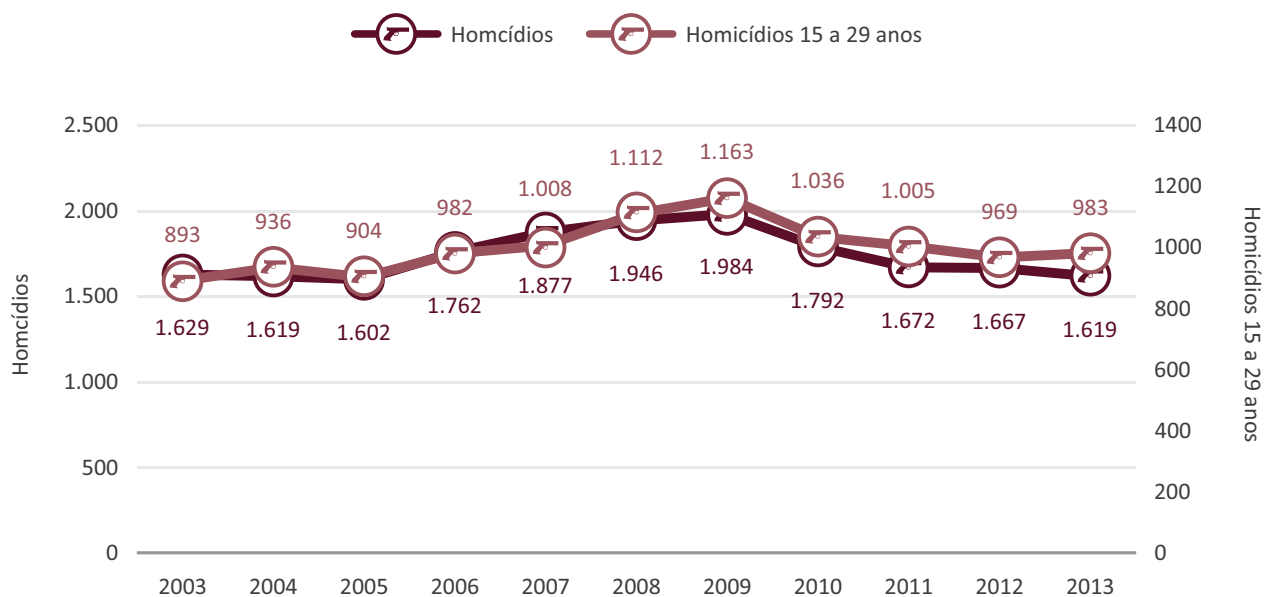
Gráfico 5- Número de homicídios, geral e recorte etário de 15 a 29 anos, Brasil e Espírito Santo, 2003-2013



Fonte: SIM/DATASUS, 2003-2013.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Gráfico 6- Número de homicídios, geral e recorte etário de 15 a 29 anos, Espírito Santo, 2003-2013

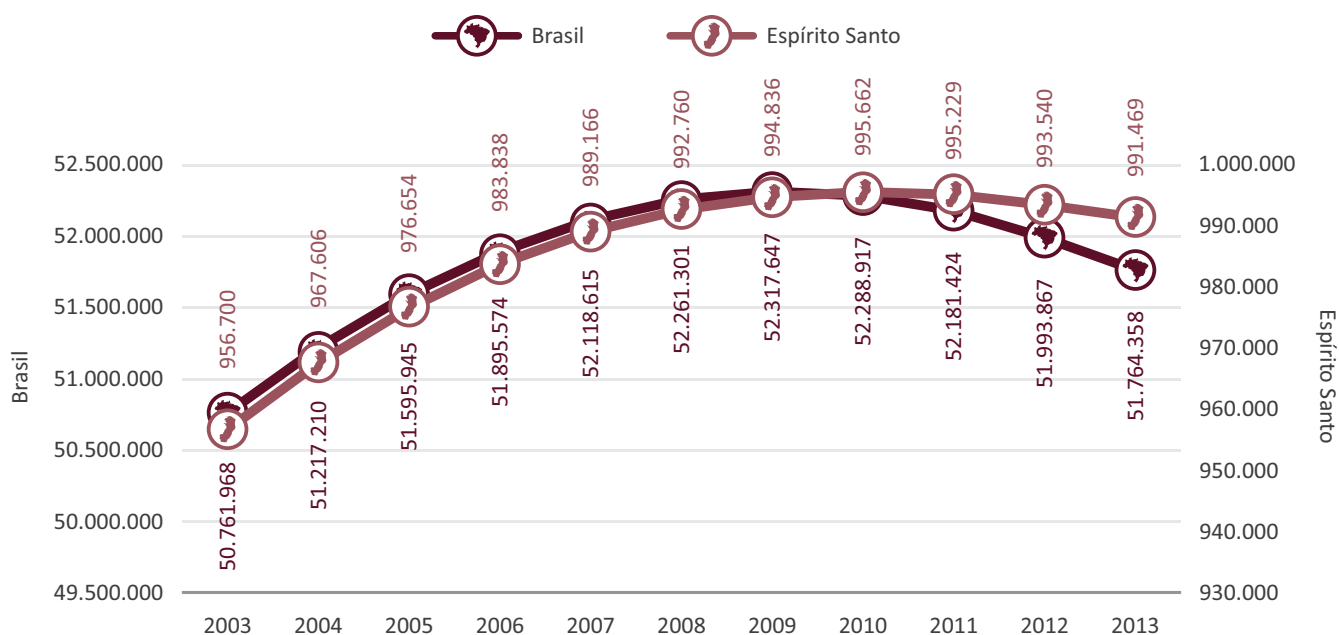


Fonte: SIM/DATASUS, 2003-2013.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

No gráfico seguinte é ressaltado que, na comparação 2003-2013, o país acumulou um aumento de 2,0% no número de jovens de 15 a 29 anos. Na mesma base de comparação, o estado do Espírito Santo registrou um aumento de 3,6% no número de habitantes de 15 a 29 anos.

Gráfico 7- Número de habitantes, recorte etário de 15 a 29 anos, Brasil e Espírito Santo, 2003-2013



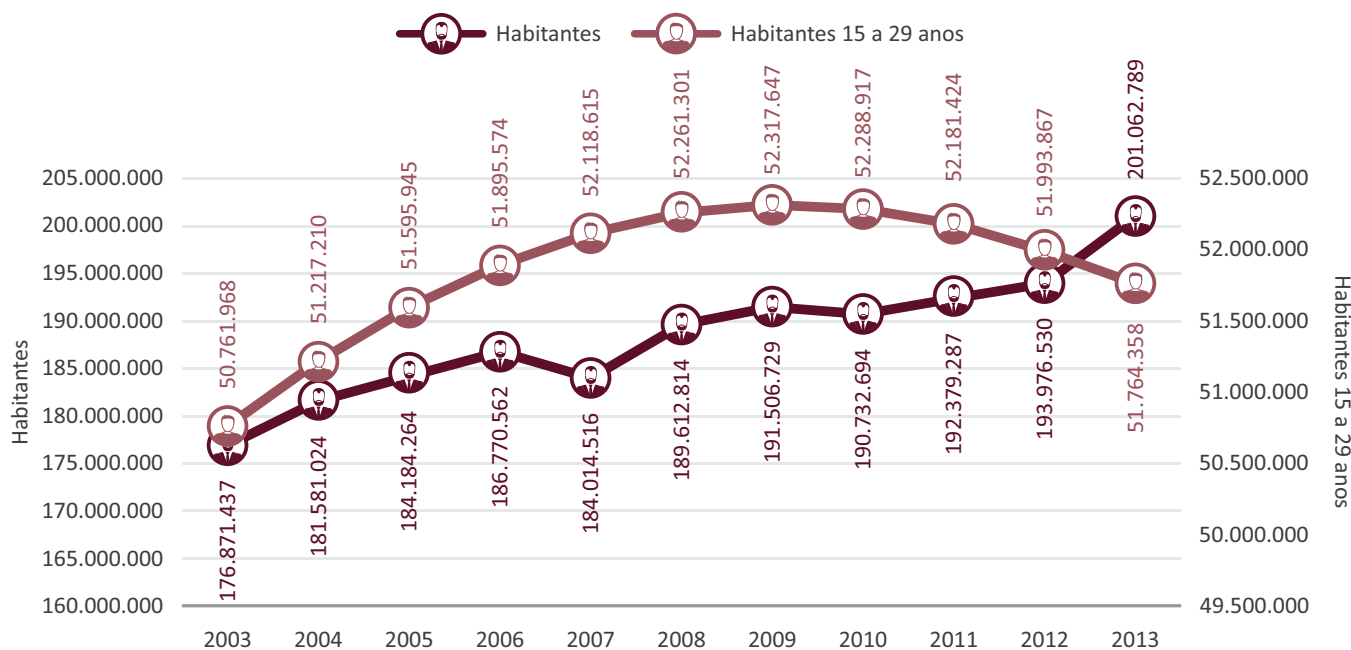
Fonte: SIM/DATASUS, 2003-2013.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Entre 2009 e 2013, o Brasil computou uma redução de 1,1% no número de pessoas residentes de 15 a 29 anos, ao passo que entre 2009 e 2013 o Espírito Santo registrou uma redução de 0,3%.

Retornando à comparação de 2003 e 2013 constata-se, por meio dos dois próximos gráficos, que o Brasil apresentou um aumento de 13,7% no número geral de habitantes e um crescimento de 2,0% no número de jovens, enquanto o Espírito Santo registrou um acréscimo de 18,1% no número total de habitantes e um aumento de 3,6% no número de jovens de 15 a 29 anos de idade. Vale ressaltar que a partir de 2010 passa a se observar uma tendência de redução no estado no número de jovens.

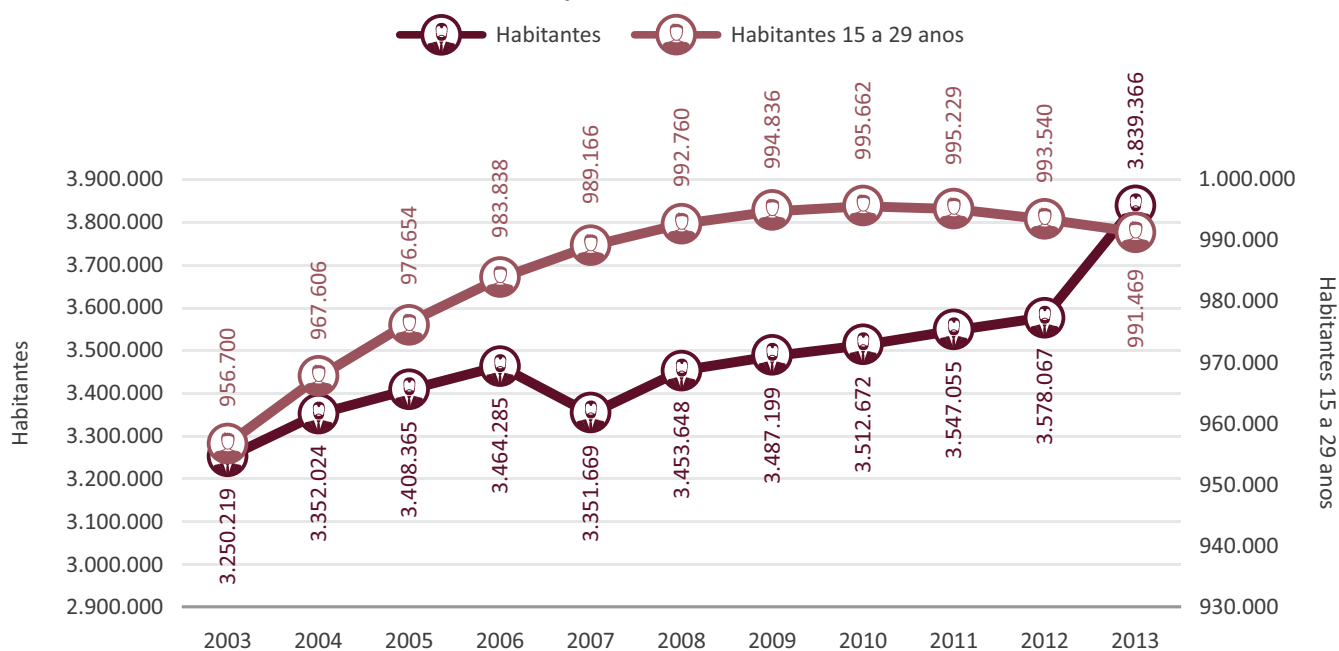
Gráfico 8- Número de habitantes, geral e recorte etário de 15 a 29 anos, Brasil, 2003-2013



Fonte: SIM/DATASUS/IBGE, 2003-2013.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Gráfico 9- Número de habitantes, total e recorte etário de 15 a 29 anos, Espírito Santo, 2003-2013



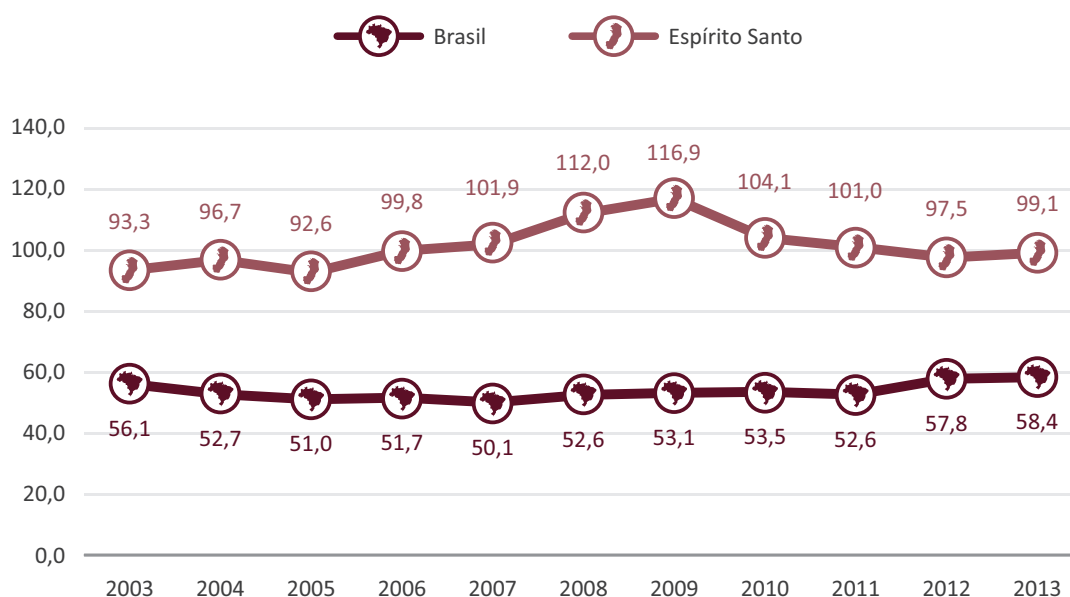
Fonte: SIM/DATASUS/IBGE, 2003-2013.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

## 1.4. Taxas de homicídios juvenis

Segundo o gráfico abaixo, a taxa de homicídios juvenis do Brasil, ao longo dos 10 anos da série histórica, aumentou em 0,9% e a taxa capixaba de homicídios de 15 a 29 anos de idade aumentou em 1,7%. Observou-se nas seções anteriores que a taxa geral dos homicídios do país e do Espírito Santo, respectivamente, reduziram em 2,7% e 9,5% no mesmo período. Isso indica que a redução da taxa geral de homicídios não está sendo puxada, predominantemente, pela faixa etária de risco, jovens de 15 a 29 anos.

Gráfico 10- Taxa de homicídios, por 100 mil habitantes, recorte etário de 15 a 29 anos, Brasil e Espírito Santo, 2003-2013



Fonte: SIM/DATASUS/IBGE, 2003-2013.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Nos 10 anos estudados, observou-se que, em 2003, no Brasil, a taxa de homicídios juvenis foi de 56,1 homicídios para cada grupo de 100 mil pessoas com 15 a 29 anos de idade. Em 2007, este indicador reduziu para 50,1 assassinatos de jovens por 100 mil indivíduos com 15 a 29 anos. Em 2013, o Brasil registrou 58,4 homicídios juvenis a cada grupo de 100 mil jovens.

No mesmo período analisado, o Espírito Santo computou, em 2003, 93,3 homicídios de jovens para cada grupo de 100 mil pessoas com 15 a 29 anos. Essa taxa alcançou o patamar de 116,9 assassinatos por 100 mil jovens em 2009. Desde

então a taxa de homicídios juvenis do estado do Espírito Santo vem reduzindo aos níveis medidos em 2013, 99,1 assassinatos de jovens por 100 mil pessoas com 15 a 29 anos de idade.

Com base na análise das tendências populacionais e dos homicídios, percebe-se que os jovens são atores-chaves para compreender a dinâmica dos homicídios. Nesse sentido, na próxima seção é desenvolvida uma análise com foco nos indivíduos com idade entre 15 e 29 anos no estado do Espírito Santo em comparação com os dados nacionais.

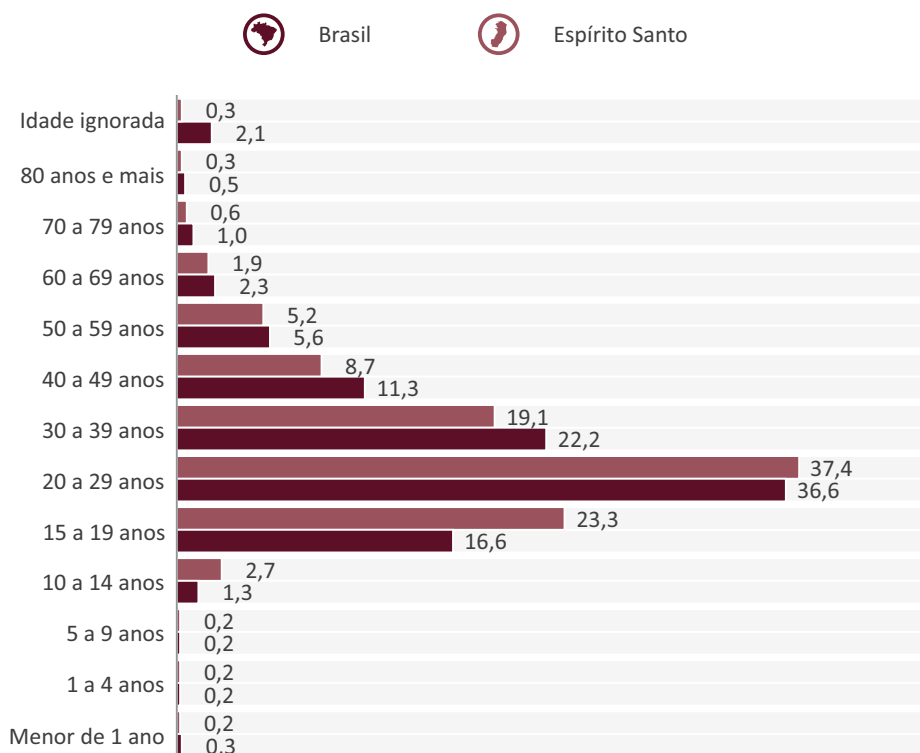


Foto: Coordenação de Estudos Sociais – Acervo IJUN.

## 2.1. Faixa etária

O gráfico abaixo demonstra como as principais vítimas de homicídios no país e no Espírito Santo são indivíduos com idade entre 15 e 39 anos. Para o Brasil as faixas de 20 a 29 anos (36,6%) e de 30 a 39 anos (22,2%) foram as mais proeminentes em 2013. Para o estado do Espírito Santo as faixas etárias de 15 a 19 anos (23,3%) e de 20 a 29 anos (37,4%) foram as mais significativas no mesmo ano. Isso evidencia que o padrão das principais vítimas de homicídios no país, que concentrou-se nas faixas de 20 a 29 anos e 30 a 39 anos, apresentou perfil um pouco mais envelhecido quando comparado ao padrão capixaba, que encontrou-se concentrado nas faixas etárias de 15 a 19 anos e 20 a 29 anos.

Gráfico 11 - **Proporção de homicídios (%), segundo faixas etárias das vítimas, Brasil e Espírito Santo, 2013**



Fonte: SIM/DATASUS, 2013.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

As vítimas de homicídios nas faixas etárias de 15 a 19 anos e de 20 a 29 anos do Brasil representaram 53,2% dos 56.804 assassinatos registrados em 2013. Se considerada a faixa etária de 30 a 39 anos, este indicador alcançou o patamar de 75,4%. Por apresentar um perfil mais jovem, as vítimas de homicídios no estado do Espírito Santo nas faixas etárias de 15 a 19 anos e de 20 a 29 anos representaram 60,7% dos 1.619 assassinatos computados em 2013. Levando em conta a classe de 30 a 39 anos este indicador se eleva para 79,9%.

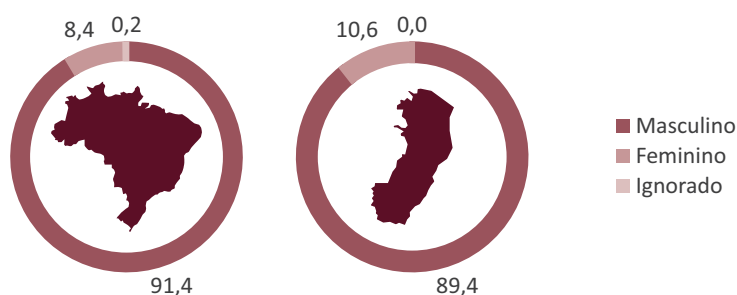
Vale ressaltar o comportamento dos dados de “idade ignorada”, que pode ser tomado como um indicativo da qualidade dos dados no SIM/DATASUS, principalmente, no quesito relativo à notificação incompleta dos registros. De acordo com o gráfico acima, 2,1% dos dados de homicídios do Brasil não apresentaram informações sobre a idade das vítimas. No estado do Espírito Santo, esta medida foi de 0,3%, o que demonstra uma melhor qualidade dos registros capixabas em relação aos dados nacionais.

Com base nessas informações, constata-se que a problemática dos homicídios está potencialmente concentrada na juventude, sobretudo, no estado do Espírito Santo. As pessoas com idade entre 15 e 29 anos estão mais vulneráveis a serem vítimas de homicídios. Partindo deste perfil, nas seções seguintes outras características são analisadas para complementar o quadro da população de risco aos assassinatos no contexto estadual em comparação com os dados nacionais.

## 2.2. Gênero

De acordo com o gráfico seguinte, identificou-se que no Brasil 91,4% das 56.804 vítimas de homicídios eram do sexo masculino, ou seja, 51.937 homens mortos no ano de 2013. No Espírito Santo 89,4% das 1.619 vítimas de homicídios eram do sexo masculino, isto é, 1.448 homens assassinados em 2013.

Gráfico 12 - Proporção de homicídios (%), segundo gênero das vítimas, Brasil e Espírito Santo, 2013



Fonte: SIM/DATASUS, 2013.

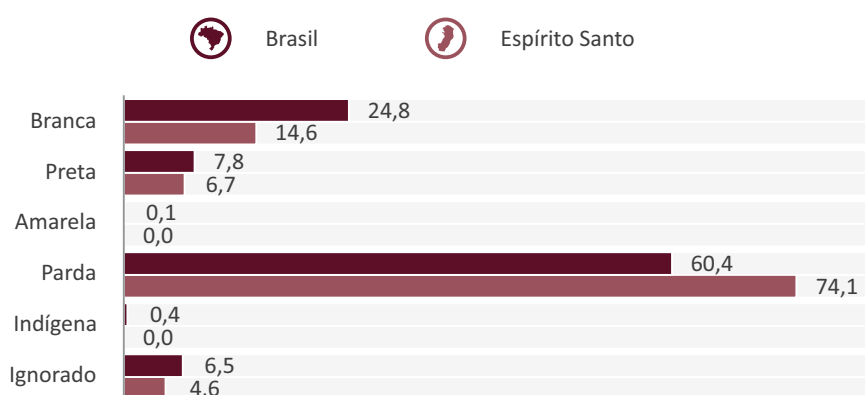
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

No Brasil, 4.762 mulheres foram assassinadas em 2013, o que representou 8,4% do total de homicídios. No estado do Espírito Santo, este indicador de violência contra as mulheres ficou em 10,6%, o que representou 171 assassinatos de vítimas do sexo feminino.

## 2.3. Cor/raça

Tomando como referência o perfil das vítimas de homicídios, observou-se, segundo o gráfico abaixo, que no Brasil as principais vítimas foram declaradas como pardas (60,4%) e brancas (24,8%) no ano de 2013. No estado do Espírito Santo este padrão é semelhante, sendo que a proporção de vítimas declaradas como pardas (74,1%) superou a medida nacional, enquanto o percentual das vítimas declaradas como brancas (14,6%) foi inferior ao dado apurado para o país.

Gráfico 13 - **Proporção de homicídios (%), segundo cor/raça das vítimas, Brasil e Espírito Santo, 2013**



Fonte: SIM/DATASUS, 2013.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

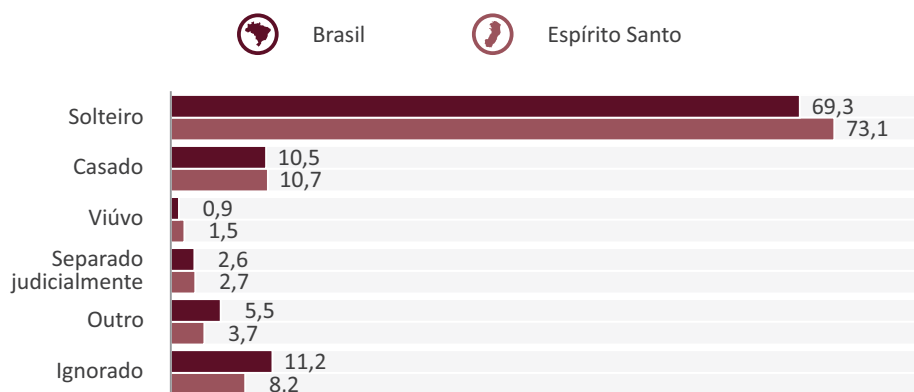
Somadas as cores/raças pretas e pardas, no Brasil foram registradas 68,2% vítimas de homicídios que podem ser categorizadas como negras. No estado do Espírito Santo, 80,8% das vítimas dos homicídios foram declaradas negras (vítimas pretas e pardas).

Em que pese o problema de classificação das vítimas com base na cor/raça, insta salientar as significativas proporções de dados especificados como “ignorado” para o Brasil (6,5%) e Espírito Santo (4,6%), o que representa significativa notificação incompleta das informações no banco de dados aqui estudado.

## 2.4. Estado civil

O gráfico a seguir destaca que em 2013 a maior proporção das vítimas de homicídios no Brasil (69,3%) e estado do Espírito Santo (73,1%) eram pessoas solteiras.

Gráfico 14 - Proporção de homicídios (%), segundo estado civil das vítimas, Brasil e Espírito Santo, 2013



Fonte: SIM/DATASUS, 2013.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

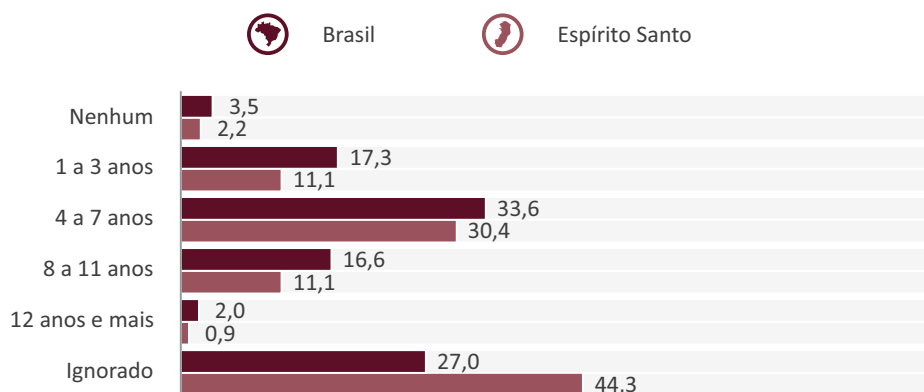
Na comparação do percentual de vítimas casadas, o país (10,5%) e o Espírito Santo (10,7%) evidenciaram resultados praticamente semelhantes.

Na categoria de informação ignorada o Espírito Santo (8,2%) apresentou uma proporção menor do que a medida nacional (11,2%).

## 2.5. Escolaridade

Nesta seção será abordada a escolaridade, medida pelo número de anos de estudo das vítimas de homicídios. O gráfico abaixo destaca para o ano de 2013 que tanto no Brasil (33,6%), quanto no Espírito Santo (30,4%) a maioria das vítimas, que apresentaram registros sobre escolaridade, possuíam entre 4 e 7 anos, o que de certa forma equivale aos anos iniciais do nível de ensino fundamental incompleto, desconsideradas eventuais distorções idade-série.

Gráfico 15 - **Proporção de homicídios (%), segundo escolaridade (anos de estudo) das vítimas, Brasil e Espírito Santo, 2013**



Fonte: SIM/DATASUS, 2013.

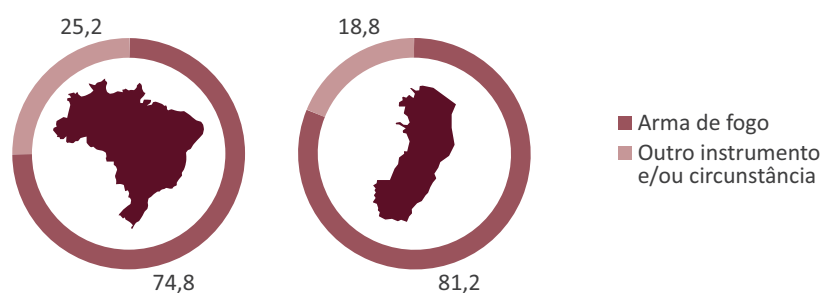
Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Na comparação Espírito Santo e Brasil, as informações sobre escolaridade revelaram que os dados capixabas apresentaram elevado nível de registros ignorados, 44,3%. Os dados do Brasil também se destacaram elevados (27,0%), todavia foram superados pelos registros ignorados do estado do Espírito Santo.

## 2.6. Instrumento e/ou circunstância

Dos 56.804 homicídios registrados no Brasil, 74,8% foram cometidos utilizando arma de fogo. No Espírito Santo essa característica se agrava mais, sendo que dos 1.619 assassinatos computados no referido estado, 81,2% foram cometidos utilizando arma de fogo, conforme pode ser observado no gráfico abaixo.

Gráfico 16 - **Proporção de homicídios (%), segundo instrumento e/ou circunstância, Brasil e Espírito Santo, 2013**



Fonte: SIM/DATASUS, 2013.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

As informações deste gráfico chamam ainda mais atenção na atual conjuntura brasileira, quando encontram-se em discussão na Câmara dos Deputados Federais eventuais alterações no Estatuto do Desarmamento, por meio do Projeto de Lei Nº 3.722/2012<sup>3</sup>. Dentre as polêmicas alterações que estão sendo discutidas, consta a redução de 25 para 21 anos a idade mínima para a compra de armas de fogo no Brasil. Se tal medida for aprovada, pode representar risco aos jovens brasileiros, uma vez que estes já constituem a faixa etária mais vulnerável aos homicídios, que em sua maioria são cometidos por arma de fogo.

Além disso, existe a proposta de estender o porte de arma de fogo para autoridades como deputados e senadores. Outra alteração permite a posse e porte de armas de fogo para pessoas que respondem a inquérito policial ou a processo criminal. Essas são mudanças tão significativas que até o nome do Estatuto do Desarmamento pode ser substituído por Estatuto de Controle de Armas de Fogo.

Por mais que este conjunto de propostas ainda tenha que passar pelo plenário da Câmara e, posteriormente, tramitar no Senado, essas alterações encontram espaço na crença largamente presente no imaginário social brasileiro de que mais armas, representa mais proteção e menos crimes, ou seja, “mais armas, menos crimes” (CERQUEIRA; MOURA, 2013), assim como na difusão desta relação por parte de grupos de interesses específicos. Entretanto, tal percepção não encontra nenhuma evidência empírica, pelo contrário.

Sobre esta polêmica discussão, cabe aqui salientar alguns indicativos do denso estudo desenvolvido na Tese de Doutorado de Daniel Cerqueira. Na citada pesquisa, por meio da análise de um referencial de estudos nacionais e internacionais, bem como de um amplo banco de dados, foi testada a seguinte hipótese no contexto nacional: “a disponibilidade de armas faz aumentar os crimes violentos”. Cerqueira (2014, p. 20) chega a resultados que indicam que “a média das elasticidades estimadas da arma de fogo aos homicídios gira em torno de 2,0”.

Nesse sentido, considerando que o perfil das principais vítimas dos homicídios, conforme aqui constatado para o Brasil e Espírito Santo, são jovens de 15 a 29 anos, do sexo masculino, estado civil solteiro, com baixo nível de escolaridade e, potencialmente, assassinados por arma de fogo, o referido estatuto de Controle de Armas de Fogo deve ser analisado com atenção por toda sociedade, pois pode representar um retrocesso para a segurança e proteção da juventude frente ao risco da violência letal.

Atualmente diversos estudos apontam para o acesso a armas de fogo como fator de risco para homicídios. Em sua maioria, indicam fortes correlações entre

---

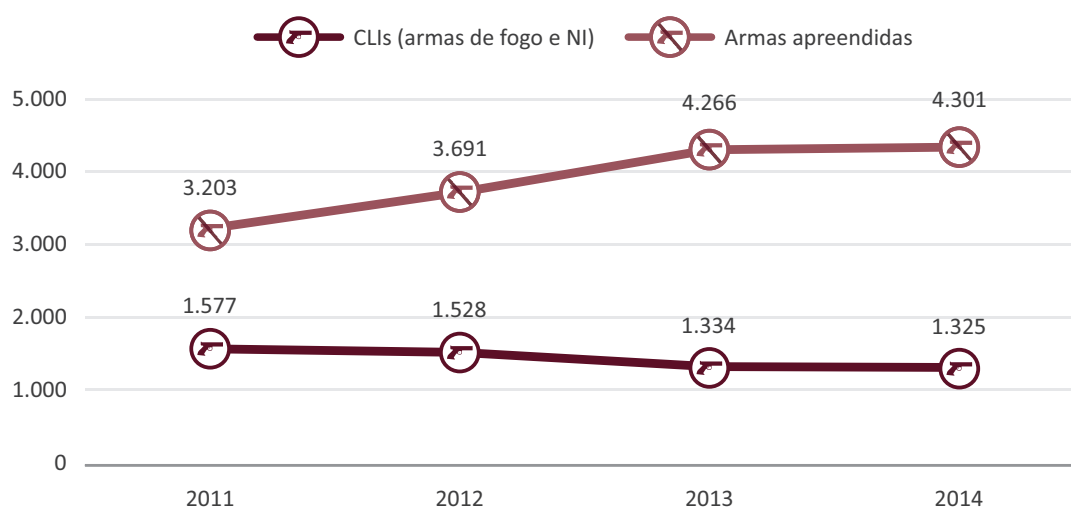
<sup>3</sup> O referido Projeto de Lei – PL foi aprovado pela Comissão Especial da Câmara dos Deputados em 27/10/2015. Atualmente o PL está aguardando apreciação do plenário da Câmara.

apreensão de armas de fogo e taxas de mortalidade (PERES et al, 2011; CERQUEIRA, MELLO, 2010; entre outros).

Souza (2007) indicou uma redução na Taxa de Mortalidade por Homicídio e nas admissões hospitalares por ferimento decorrente do uso de armas de fogo após a aprovação do Estatuto do Desarmamento, em 2003. Além disso, Cerqueira e Mello (2010) encontraram uma associação positiva e significativa entre o desarmamento e a redução dos homicídios no estado de São Paulo.

No Espírito Santo, verifica-se a convergência entre o aumento das armas apreendidas e a redução das ocorrências de crimes letais intencionais. Em 2009 houve o menor número de retenção de armas e o maior número de criminalidade letal no estado nos últimos 6 anos. Por outro lado, em 2014 ocorreu o inverso, atingiu-se o maior número de apreensão de armas da referida série histórica (4.301) e o menor número de vítimas decorrentes de crimes letais intencionais (1.325).

Gráfico 17- Número de Crimes Letais Intencionais (praticados por armas de fogo) e Número de armas apreendidas no ES; 2011-2014



Fonte: GEAC/SESP.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Territoriais (CET)/Coordenação de Estudos Sociais (CES).

O Gráfico 17 ilustra os crimes letais registrados, excetuando as mortes por armas brancas, e as armas apreendidas entre 2011 e 2014. Aparentemente, os dados reforçam uma possível relação entre maior apreensão de armas de fogo e menor ocorrência de violência letal.

Diante do evidenciado na presente seção, faz-se relevante o aprofundamento de estudos na área da segurança pública no estado do Espírito Santo, que busquem compreensão ainda maior da relação criminalidade violenta e acesso a armas de fogo.



Foto: Arthur Ceruti – Acervo IJSN.

### 3.1. O Espírito Santo no contexto nacional

**E**m 2003, partindo das taxas de homicídios por 100 mil habitantes das Unidades da Federação – UFs identificou-se que o estado do Espírito Santo (taxa: 50,1), juntamente com Rondônia (taxa: 38,9) apresentaram valores que foram superados apenas por Pernambuco (taxa: 55,3) e Rio de Janeiro (taxa: 52,6). Estados como Alagoas, Sergipe, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná possuíam taxas que variavam de 24,0 a 37,6 homicídios por 100 mil habitantes (Figura 1).

Dez anos depois, em 2013, o Espírito Santo conseguiu reduzir sua taxa para 42,2 assassinatos por 100 mil habitantes (como visto nas seções anteriores, redução de 15,9%), todavia ainda se manteve no segundo nível de estados com taxas que variaram de 37,7 a 51,4 homicídios por 100 mil habitantes, a saber, Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Paraíba, Roraima, Pará e Goiás (Figura 1).

Por meio da Figura 2, é possível observar o comportamento das taxas de homicídios dos jovens de 15 a 29 anos de idade. Como visto na introdução deste estudo, sendo a juventude o nosso foco de análise, torna-se essencial detalhar que em 2003 o Espírito Santo (taxa de homicídio juvenil: 93,3) figurava entre os estados mais violentos em conjunto com Rio de Janeiro (taxa de homicídio juvenil: 109,7) e Pernambuco (taxa de homicídio juvenil: 108,9).

Em 2013, esses dois últimos estados alcançaram reduções significativas em suas taxas de homicídios de jovens. No Rio de Janeiro a taxa de homicídios de jovens chegou em 65,0 mortes para 100 mil pessoas com idades entre 15 e 29 anos, enquanto que em Pernambuco este mesmo indicador diminuiu para 70,9 assassinatos para cada grupo de 100 mil jovens. Entretanto, no Espírito Santo esta mesma medida aumentou para 99,1 homicídios para 100 mil jovens, ou seja, um aumento de 6,2% na comparação entre os anos de 2003 e 2013.

Ainda com base na Figura 2, identifica-se que Alagoas foi o estado com a maior taxa de homicídios de jovens (147,8 mortes de jovens por 100 mil jovens). Goiás, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Sergipe foram estados que apresentaram taxas de homicídios juvenis semelhantes ao Espírito Santo, classe de legenda de 82,7 a 115,2 assassinatos de jovens por 100 mil pessoas com idades entre 15 e 29 anos de idade.

A Figura 3 mostra o comportamento espacial das variações (%) das taxas de homicídios no conjunto geral da população e das taxas de homicídios de jovens no cômputo das pessoas de 15 a 29 anos. Identificou-se que o Espírito Santo conseguiu, como já ressaltado, reduzir sua taxa geral de homicídios, o que o enquadrou no nível de estados que registraram reduções variando de -25,2% a 0,0. São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Pernambuco foram UFs que registram reduções mais expressivas das taxas gerais de homicídios na comparação 2013/2003.

Por outro lado, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Bahia foram estados que apresentaram os maiores crescimentos (99,3 a 205,6%) na variação das taxas de homicídios da comparação 2013/2003.

Quando enfocadas as taxas de homicídios na juventude (15 a 29 anos) o comportamento das variações das taxas não se altera muito. Em parte isso pode ser explicado pela forte contribuição da proporção de jovens que compõem o quadro das vítimas de homicídios no país. Como visto na seção anterior, no país, mais de 53% das vítimas de homicídios são jovens com idades entre 15 e 29 anos.

Porém, os estados do Espírito Santo e Santa Catarina foram umas das poucas UFs que apresentaram variações de taxas de homicídios gerais com sentidos diferentes das variações das taxas de homicídios juvenis. Ambos os estados registraram redução nas taxas gerais (-25,2% a 0,0) e aumento nas taxas de homicídios de jovens (0,1% a 124,3%), na comparação estabelecida entre os anos 2003 e 2013.

Figura 1 - Taxa de homicídios, por 100 mil habitantes, Brasil, 2003 e 2013

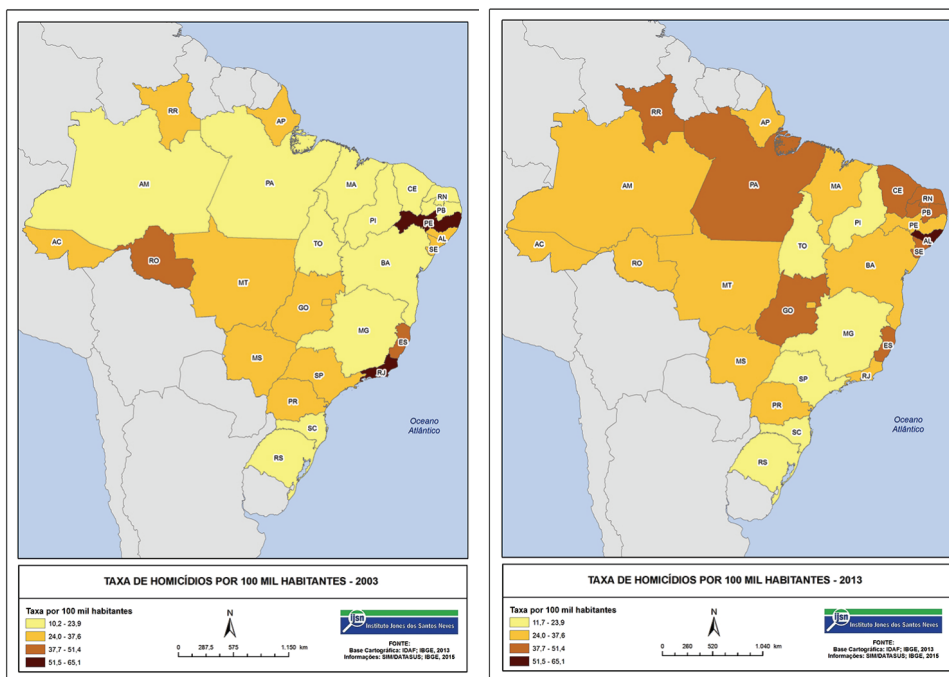


Figura 2 - Taxa de homicídios de jovens, por 100 mil habitantes (15 a 29 anos), Brasil, 2003 e 2013

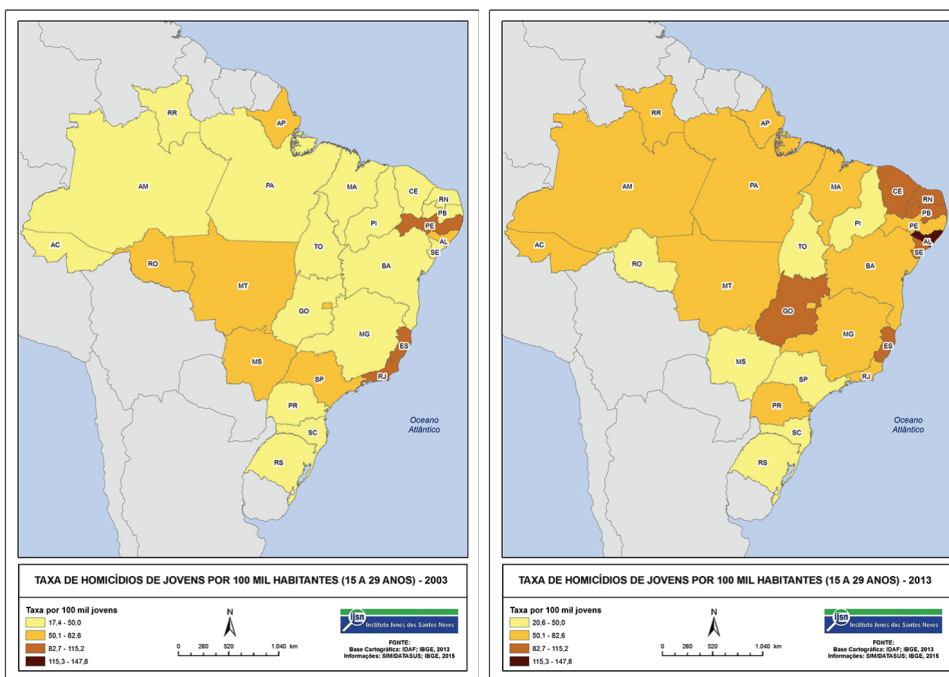


















Foto: Lastênio Scopel – Acervo IJSN.

**A**pós as ponderações da distribuição espacial dos homicídios juvenis realizada no presente estudo, evidencia-se a oportunidade de ampliação das análises, incluindo em pesquisas futuras características das comunidades mais vitimadas, possibilitando assim, testes de hipóteses relacionadas não só a ecologia do crime, como também, a desorganização social.

Beato (2012, pp.45-46) reafirma a importância de pesquisas com esse enfoque:

Teoricamente, a literatura que lida com a hipótese da desorganização social debita essa maior incidência às características socioeconômicas das comunidades, cidades, bairros e vizinhanças ou à 'eficácia coletiva' no controle do comportamento de seus habitantes. Na realidade, esse mecanismo de causação não se dá de forma direta, mas resulta do fato de que áreas com maior privação relativa e absoluta provocam incrementos de mobilidade e heterogeneidade populacional, conduzindo, assim, a um enfraquecimento dos laços tradicionais e controle social e, conseqüentemente, a um maior número de crimes.

No entanto, Beato (2012) ainda salienta que evidências empíricas mostram que há lugares em uma cidade com alta incidência de delitos cuja explicação não se dá apenas pelas características agregadas de suas populações. Assim, incentiva que os estudos criminais devem ir além das características tradicionais relativas à concentração da pobreza, para se debruçar sobre aspectos como mecanismos institucionais e processos interacionais entre as pessoas. Como os efeitos dos locais e das próprias vizinhanças.

Entende-se, dessa forma, que existe algo a mais, relacionado às características ambientais, que ainda pode favorecer a incidência de atividades criminosas. Laços sociais, confiança, recursos institucionais, desordem e atividades rotineiras passam a ser destacados como dimensões explicativas da concentração da violência e da criminalidade.

Esse enfoque demonstra a relevância das diferentes estratégias de análise para lidar com a distribuição espacial de crimes e com os contextos de oportunidade para ação criminosa. Ou seja, as características da comunidade e dos espaços urbanos em que os crimes ocorrem devem ser examinadas de forma prioritária.

A distribuição espacial dos homicídios juvenis apresentada ao longo desse trabalho suscita questionamentos importantes, que devem servir de subsídios para novas pesquisas de aprofundamento nessa temática. Primeiro, por que a tendência de queda nas taxas gerais de homicídios do Espírito Santo também não ocorre hoje com a população jovem do estado? Ressaltando que os homicídios entre jovens aumentaram quase três vezes mais que o aumento populacional referente a esse grupo etário.

Outra importante questão, o que explica a vitimização de jovens no Espírito Santo ocorrer ainda mais cedo comparado ao Brasil? Enquanto em âmbito nacional as maiores faixas vitimadas se encontram entre 20 a 39 anos, no Espírito Santo a faixa entre 15 a 29 anos representa mais de 60% das vítimas.

Ainda se faz relevante ressaltar, que a arma de fogo é o instrumento responsável pela morte de 81,2% dos jovens do estado, número também acima do Brasil, que possui 74,8% da vitimização de jovens através desse meio.

A análise municipal nos trouxe a nova dinâmica de vitimização juvenil, em 10 anos ela deixou de se concentrar especificamente na RMGV e nos municípios litorâneos, para além desses municípios também atingir municípios do interior, principalmente do centro e norte do estado.

Em relação ao perfil das vítimas, não foram observadas grandes diferenças com estudos e pesquisas anteriores no Brasil: jovens, negros (pretos e pardos), solteiros e escolaridade entre 4 a 7 anos (provavelmente em distorção idade-série). Outra característica, em geral, comum a eles, é que viviam em bairros periféricos, no qual se concentra esse tipo de crime violento.

Por fim, o estudo dessas comunidades torna-se crucial para entendimento do problema da vitimização juvenil. Como foi exposto no presente estudo, apenas 20 bairros da Região Metropolitana da Grande Vitória são responsáveis por mais de 20% da vitimização total de jovens no estado. Além do conhecimento das características agregadas dessas comunidades, que concentram ocorrências de homicídios, é de extrema relevância o conhecimento da dinâmica desses locais, permitindo a possibilidade de análise de como ocorrem os relacionamentos interpessoais, laços sociais, mecanismos institucionais, eficácia coletiva das vizinhanças, assim como a presença do estado no que diz respeito ao oferecimento dos serviços e direitos básicos a essas populações que se encontram claramente em condições de vulnerabilidade social.

O extermínio de jovens precisa, não apenas ser objeto de novos estudos e pesquisas para maior compreensão desse problema social, como, principalmente, entrar definitivamente na agenda das políticas públicas brasileiras e estaduais. O Espírito Santo nos revela um importante caso, se as taxas de homicídios juvenis não estão acompanhando a tendência geral de redução, provavelmente, evidencia-se uma necessidade urgente de tratar os jovens como protagonistas das políticas sociais e de segurança.

As ações empregadas nessas comunidades vulneráveis precisam superar o caráter repressivo, até porque esse tipo de ação afeta não só os agressores como também as próprias vítimas em potencial, visto que ambos costumam conviver nesses mesmos bairros. Dessa forma, a repressão exclusiva pode até mesmo agravar a própria condição de vulnerabilidade das principais vítimas dos homicídios. Espera-se, portanto, que o jovem ocupe um papel de centralidade nas estratégias e ações preventivas no que tange ao problema dos homicídios, pois, justamente, eles representam a grande parte daqueles que são vitimados diretamente por ele.



Foto: Coordenação de Estudos Sociais – Acervo IJSN.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; CASTRO PRINHEIRO, Leonardo; SOUSA LIMA, Fabiano; e MARTINELLI, Claudia da Costa. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas**. Brasília, UNESCO/BID, 2002.

ADORNO, Sérgio, et all. **O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana**. São Paulo em Perspectiva, vol.13, n.4, 1999.

AQUINO, Luseni. CASTRO, Jorge Abrahão de (Org.). **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Texto para Discussão n° 1335. Instituto de Pesquisa de Econômica Aplicada – IPEA. Brasília, 2009.

BEATO, Claudio C. **Crime e políticas sociais**. In: Das Políticas de Segurança Pública às Políticas de Segurança. Relatório do Gabinete de Segurança Institucional. Instituto Latino Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquent – ILANUD, 2002.

BEATO, Claudio C. **Crimes e Cidades**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

Bursik, R. Grasmick, H. **Neighborhoods and Crime**. Lexington Books, 1993. Lexington Books.

CERQUEIRA, Daniel. MOURA, Rodrigo. **Custo da juventude perdida no Brasil**. Texto para discussão n. 130.712. Rio de Janeiro: IPEA, 2013.

COHEN, A.K. (1955). **Delinquent Boys: The Culture of the Gang**. Glencoe: The Free Press.

FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário brasileiro de segurança pública 2015**. São Paulo: FBSP, 2015.

FERREIRA, Luis Roberto. **O papel das guardas municipais na redução de homicídios: evidências empíricas para o Brasil**. Dissertação de mestrado. São Paulo: FGV, 2012.

FILGUEIRA, C. H. **Estructura de oportunidades y vulnerabilidad social: aproximaciones conceptuales recientes**. In: CEPAL. Seminario Vulnerabilidad. Santiago de Chile : CEPAL, 2001.

HUFF, C.Ronald. **Youth Gangs and Public Policy**. Crime and Delinquency, Vol 35, nº4, October, 1989.

IJSN, Instituto Jones dos Santos Neves. **Juventude e educação no Espírito Santo**. Vitória: Biblioteca IJSN, 2015.

KORNHAUSER, R. 1978. **Social Sources of Delinquency**. Chicago: University of Chicago Press.

KRAUSKOPF, Dina. La construcción de políticas de juventud en Centroamérica. In: LEÓN, Oscar (ed.). Políticas públicas de juventud en América Latina: políticas nacionales. Viña del Mar, Chile: CIDPA, 2003.

KRUG, Etienne et al. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Brasília - DF: OMS/OPAS/UNPD, 2002.

MOSER, Caroline; BRONKHORST, Bernice van. **Youth Violence In Latin America and the Caribbean: Costs, Causes and Interventions**, LCR Sustainable Development Working Paper N°3, The World Bank, Latin America and Caribbean Region, Environmentally and Socially Sustainable Development SMU. 1999.

PERALVA, Angelina. **Violência e democracia: o paradoxo brasileiro**. São Paulo - SP: Paz e Terra, 2000.

SITUAÇÃO MUNDIAL DA INFÂNCIA 2011. Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Relatório: adolescência – fase de oportunidades. Fevereiro de 2011.

SETTON, M. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. In: **Revista Brasileira de Educação**, n.20, pp.60-70, 2002.

SAMPSON, Robert J. GROVES, W. Community Structure and Crime: testing social disorganization theory. *American Journal of Sociology*, vol 94, issue 4, 1989.

SHAW, C. R.; MCKAY, H. D. Social Factors in Juvenile Delinquency. Report on the Causes of Crime, hrational Commission of Law Observance and Enforcement, vol.2. Washington, D.C.: Government Printing Office. 1931.

----- Juvenile Delinquency and Urban Areas. Chicago: University of Chicago Press, 1942.

UNODC, United Nations Office on Drugs and Crime. **Global study on homicide**. Vienna: UNODC, 2013.

VIGNOLI, J.R. Vulnerabilidad y grupos vulnerables: un marco de referencia conceptual mirando a lós jóvenes. Santiago de Chile: CEPAL, 2001. (Serie Población y Desarrollo, n.17).

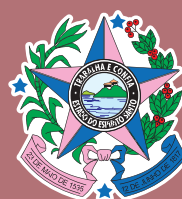
WASELFISZ, Julio. **Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília**. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

\_\_\_\_\_. **Mapa da Violência: mortes matadas por arma de fogo**. Brasília: SPPIR/UNESCO, 2015.

ZALUAR, Alba. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. In: **São em perspectiva**. São Paulo - SP: on-line, v. 13, n.3, pp.3-17, 1999.



[www.ijsn.es.gov.br](http://www.ijsn.es.gov.br)



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO  
*Secretaria de Economia e Planejamento*